

PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS À AUTOMEDICAÇÃO: REVISÃO INTEGRATIVA

EDUCATIONAL PRACTICES AIMED TO SELF-MEDICATION: INTEGRATIVE REVIEW

PRÁCTICAS EDUCATIVAS ORIENTADAS A LA AUTOMEDICACIÓN: REVISIÓN INTEGRADORA

Rodrigo Fonseca Lima¹, Janeth de Oliveira Silva Naves².

RESUMO

Objetivo: Identificar práticas educativas voltadas à automedicação trazendo à tona a Educação à Distância (EAD) como alternativa. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa na qual realizou-se a busca de artigos publicados no período de 2009 a 2014, nas bases de dados LILACS, MEDLINE e IBECs por meio dos descritores: automedicação; educação; uso de medicamentos. **Resultados:** As 11 publicações analisadas mostraram uma visão geral sobre intervenções

educativas no contexto da automedicação, sendo que todos eles referiram minimamente a importância desse processo educativo. No entanto, propostas concretas de intervenções não foram frequentes. Não houve referência à EAD como alternativa dentro desse processo educativo, embora esse campo ajude a formação dos profissionais quanto a suas atitudes. Ficou clara a importância da educação em saúde quanto à automedicação, com destaque ao papel do farmacêutico, apesar de não ter sido frequente a proposição de ações efetivas nesse contexto.

Descritores: Automedicação; educação; uso de medicamentos.

¹ Farmacêutico pela Universidade de Brasília. Doutorando em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Brasília, Mestre em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz/PE, Especialista em Farmacologia Clínica pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão/PE

² Professora Adjunta do Curso de Farmácia da Universidade de Brasília. Farmacêutica pela Universidade de Goiás. Especialista em microbiologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre e doutora em ciências da saúde pela Universidade de Brasília. Artigo apresentado como uma das formas de avaliação da disciplina de Práticas Educativas em Ciências da Saúde do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

ABSTRACT

Objective: To identify practices aimed to self-medication bringing out the Distance Learning (DL) as an alternative educational practice.

Methods: This is an integrative review was held in which the search for articles published between 2009 to 2014, in

LILACS, MEDLINE and IBECs through the descriptors: self-medication; education; use of medicines. **Results:** The 11 publications analyzed showed an overview of educational interventions in the context of self-medication, all of which minimally mentioned the importance of this educational process. However, concrete proposals for interventions were infrequent. There was no reference to the DL as an alternative within this educational process, although this field helps training professionals about their attitudes. It was clear the importance of health education in self-medication context, highlighting the role of the pharmacist, although it has not been often the proposition of effective actions in this context.

Descriptors: Self-medication; education; use of medicines.

RESUMÉN

Objetivo: Identificar las prácticas orientadas a la automedicação llevando a cabo la educación a distancia (EAD) como prácticas educativas alternativas.

Métodos: Se trata de una revisión integradora en que se celebró en la que la búsqueda de artículos publicados entre 2009 a 2014 en LILACS, MEDLINE y IBECs datos por medio

de descriptors: la automedicação; la educación; medicación. **Resultados:** 11 publicaciones analizadas mostraron una visión general de las intervenciones educativas en el contexto de la automedicação, todos los cuales mencionan mínimamente la importancia de este proceso educativo. Sin embargo, las propuestas concretas de las intervenciones fueron poco frecuentes. No había ninguna referencia a EAD como una alternativa dentro de este proceso educativo, aunque este campo ayuda a la formación de profesionales sobre sus actitudes. Era evidente la importancia de la educación para la salud en relación con la automedicação, destacando el papel del farmacéutico, aunque no ha sido frecuente la proposición de acciones efectivas en este contexto.

Descriptoros: Automedicação; educación; utilización de medicamentos.

INTRODUÇÃO

Segundo a Política Nacional de Medicamentos, o Uso Racional de Medicamentos (URM) é um processo que abrange a prescrição apropriada, o acesso, a dispensação em condições adequadas e o consumo nas doses indicadas de medicamentos⁽¹⁾, sendo

ainda priorizado nessa Política o processo de educação em saúde ao qual profissionais de saúde e usuários de medicamentos devem estar submetidos.

Esse processo de educação deve ser incentivado especialmente quando se considera que vários fatores tem contribuído para aumentar o uso irracional de medicamentos, como o poder das indústrias farmacêuticas, as propagandas enganosas, a pouca atuação do farmacêutico no que se refere a orientações referentes ao uso de medicamentos, a indicação de medicamentos pelo balconista das farmácias e as prescrições indevidas, por exemplo⁽²⁻³⁾. Tais fatores favorecem práticas de automedicação não responsável que se configuram como um importante problema de saúde pública, especialmente quando se considera que os medicamentos ocupam a primeira posição dentre os agentes causadores de intoxicação no Brasil⁽²⁾.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (1998)⁽⁴⁾, a automedicação é configurada como o uso de medicamentos sem prescrição médica, sendo o próprio paciente quem decide qual é o fármaco a ser utilizado, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou mesmo de promover a saúde, independentemente da prescrição profissional.

No Brasil, segundo Silva et al. (2013)⁽⁵⁾, cerca de 80 milhões de pessoas praticam automedicação, prática caracterizada pela aquisição de medicamentos sem receita, compartilhamento dos medicamentos, reutilização de sobras de medicamentos e pela utilização de antigas prescrições, favorecendo o aparecimento de efeitos indesejáveis, agravos e mascaramento de doenças, interações medicamentosas, erros nas doses e intoxicações⁽⁶⁾.

Em estudos que investigaram as motivações para a automedicação aparecem como fatores que favorecem essa prática a dificuldade de acesso e a baixa qualidade dos serviços de saúde, a deteriorada relação entre pacientes e profissionais e a centralidade do medicamento nas práticas de saúde, entre outras Naves et al. (2010)⁽³⁾.

A automedicação, no entanto, pode ser realizada de forma responsável e pode ser benéfica quando é selecionada uma alternativa terapêutica (isenta de prescrição) com o auxílio e orientação de um farmacêutico para um problema de saúde autolimitado⁽⁶⁾. Neste contexto, o farmacêutico tem papel fundamental na promoção do URM cabendo ao mesmo orientar, capacitar e apoiar ações de educação em saúde pontuais ou de forma continuada dos outros membros da equipe de saúde

e também dos pacientes para que o consumo de medicamentos ofereça o máximo de benefícios com o mínimo de riscos⁽⁶⁾.

O processo de educação em saúde tem como objetivo principal preparar os membros de uma comunidade e/ou profissionais de saúde para atuarem como corresponsáveis na promoção da saúde, por meio da interface entre saberes científicos, senso comum e as experiências vivenciadas⁽⁷⁾. Uma das alternativas nesse processo é justamente a Educação a Distância (EAD) que, através do uso de novas tecnologias na aprendizagem, tem possibilitado a formação de espaços educacionais que resultam em mudanças no processo de formação dos profissionais e, logo, de suas atitudes e usos dessas tecnologias nos processos de trabalho⁽⁸⁾.

OBJETIVO

Essa revisão integrativa teve como objetivo identificar práticas educativas voltadas à automedicação na literatura trazendo à tona a possibilidade da EAD como alternativa nesse contexto.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura relacionada a

práticas educativas voltadas à automedicação que seguiu as etapas: 1) identificação da hipótese ou questão norteadora; 2) seleção da amostra, momento de determinar os critérios de inclusão ou exclusão, oferecendo meios para proporcionar qualidade e confiabilidade na seleção; 3) categorização dos estudos, com o objetivo de sumarizar e organizar tais informações; 4) análise dos dados; 5) discussão e interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão integrativa e síntese do conhecimento.

Para responder a pergunta norteadora “Quais as práticas educativas observadas na literatura que se referem à automedicação?”, foi realizada uma seleção de estudos a partir das bases de dados das ciências da saúde em geral LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe), MEDLINE (*National Library of Medicine*, Estados Unidos) e IBECS (*Indice Bibliográfico Español de Ciencias de la Salud*, Espanha). A busca eletrônica foi realizada através da combinação dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “automedicação”, “educação”, “uso de medicamentos”, e se baseou na adoção dos seguintes critérios de inclusão: a indexação de artigos nas respectivas bases de dados no período compreendido entre 2009 e 2014 nos

idiomas português, inglês e espanhol, artigos com tema central relacionado a práticas educativas e ao uso de medicamentos. Ainda nesse contexto, foram definidos como critérios de exclusão: produções sem disponibilidade do texto na íntegra; estudos relacionados a classes terapêuticas específicas ou estudos com populações em uso de classes terapêuticas específicas.

Uma primeira análise foi realizada pela leitura dos títulos dos estudos selecionados, seguida pela leitura e análise crítica dos resumos respeitando os critérios de exclusão. Em uma segunda análise, procedeu-se a verificação de conteúdos na íntegra, que foi norteadada pela análise temática para identificação das ideias centrais apresentadas.

Por fim, dada a relevância e heterogeneidade das produções científicas, foram realizadas novas análises críticas dos resultados obtidos optando-se pelo agrupamento da

amostra final de 11 produções científicas relacionadas ao tema. A análise dos artigos permitiu sua divisão em três grupos essencialmente baseados em seus objetivos: proposição ou não de intervenções concretas referentes a práticas educativas voltadas à automedicação ou avaliação de intervenções. Tais intervenções foram ainda referidas como passíveis ou não de serem contextualizadas no contexto da EAD.

Os dados das referências foram coletados por meio de instrumento descritivo abrangendo os elementos: título, autoria, periódico, métodos, objetivos e resultados. As referências utilizadas na revisão integrativa foram ainda analisadas conforme ano, idioma e país de publicação, tipo de estudo e uso de populações específicas.

A figura 1 apresenta os principais elementos do delineamento desta revisão integrativa, no que se refere às fases de amostragem, coleta de dados e análise crítica dos estudos.

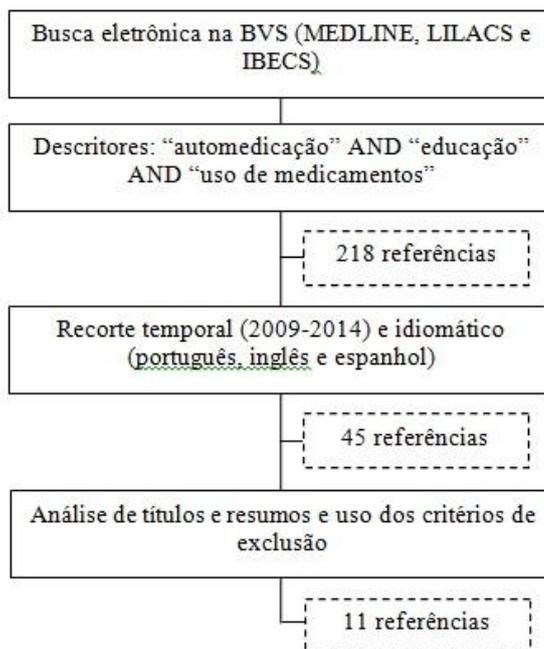


Figura 1: Representação esquemática do delineamento do estudo. BVS: Biblioteca Virtual em Saúde; IBECs (*Índice Bibliográfico Español de Ciencias de la Salud*); LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe), MEDLINE (*National Library of Medicine*).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 11 publicações apresentaram-se bem distribuídas no que se refere aos anos de publicação (considerando que um dos critérios de inclusão era ano de publicação entre 2009 e 2014) e a maior parte das publicações estava na língua inglesa (54,5%), muito embora a maior parte dos estudos tenha sido realizada no Brasil (63,6%). A análise quali-quantitativa das referências finais analisadas na presente revisão integrativas está apresentada no quadro

Quadro 1: Análise quali-quantitativa das referências analisadas conforme ano, idioma e país de publicação e uso de populações específicas nos estudos.

Ref.	Título	Ano	Idioma	País	Tipo de estudo	População específica
1.	A percepção da comunidade sobre a atuação do serviço de Atenção Farmacêutica em ações de educação em saúde relacionadas à promoção do Uso Racional de Medicamentos	2009	Português	Brasil	Analítico intervencional	Não
2.	Automedicação <i>versus</i> automedicação responsável: uma análise em três escolas de Alfenas-MG	2010	Português	Brasil	Analítico transversal	Não
3.	Self-medication in Hungary, from the perspective of pharmacy workers	2010	Inglês	Hungria	Analítico transversal	Sim (profissionais de estabelecimentos farmacêuticos)
4.	Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis	2010	Português	Brasil	Analítico transversal	Sim (crianças/adolescentes)
5.	Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde	2011	Português	Brasil	Analítico transversal	Sim (adolescentes)
6.	Pharmacy practice simulations: performance of senior pharmacy students at a University in southern Brazil	2011	Inglês	Brasil	Analítico transversal	Sim (estudantes do curso de farmácia)
7.	Nonprescription medication use and literacy among New Hampshire eighth graders	2012	Inglês	EUA	Analítico intervencional	Sim (adolescentes)
8.	Pharmacists' counseling protocols for minor ailments: a structure-based analysis	2012	Inglês	Portugal	Descritivo qualitativo	Não
9.	A novel approach to informing the public about the risks of overdose and nonmedical use of prescription medications	2013	Inglês	EUA	Analítico intervencional	Não
10.	Consumption of medicines in high-risk pregnancy: evaluation of determinants related to the use of prescription drugs and self-medication	2013	Inglês	Brasil	Analítico transversal	Sim (grávidas)
11.	Uma abordagem sobre o uso de medicamentos nos livros didáticos de biologia como estratégia de promoção de saúde	2013	Português	Brasil	Descritivo qualitativo	Não

EUA: Estados Unidos da America; Ref.: Referência.

Foi observado que houve um número considerável de publicações do tipo analítico transversal (54,5%), seguido de uma considerável frequência de estudos analíticos intervencionais (27,3%) e seis dos 11 estudos (54,5%) foram realizados com populações específicas, conforme apresentado no quadro 1.

As publicações resultantes do seguimento das estratégias descritas nos métodos estão apresentadas no quadro 2

respeitando a numeração apresentada no quadro 1. A análise dos artigos, especialmente de seus objetivos, permitiu sua divisão em três grupos essencialmente baseados em seus objetivos: proposição ou não de intervenções concretas referentes a práticas educativas voltadas à automedicação ou avaliação de intervenções.

Quadro 2: Caracterização das publicações referentes à temática de práticas educativas voltadas à automedicação resultantes da estratégias metodológicas descritas.

(Continua)

Título	Autoria/ Periódico	Objetivos	Métodos	Resultados/ Conclusão
1.	VINHOLES, E. R.; ALANO, G. M.; GALAT, M./ Saúde e Sociedade	Apresentar a experiência do serviço de atenção farmacêutica em ações em comunidades em Santa Catarina com vistas a promover o URM.	Estudo de abordagem intervencional do tipo pesquisa-ação. Realizou-se a descrição da experiência e o levantamento das percepções dos responsáveis pelos grupos envolvidos em palestras relacionadas ao URM.	Foram realizadas 22 palestras alcançando 565 participantes. As palestras contribuíram para o URM, proporcionando a mudança de postura. As palestras colaboraram para reforçar que o papel da equipe de saúde não é apenas o de permitir o acesso aos medicamentos, mas também de promover o URM.
2.	SOUZA, L. H. T.; GOMES, L. T. S.; PEREIRA, G. M.; COSTA, N. R. A.; PESSÔA, G. S.; ZANETTI, H. H. V./ Revista Brasileira de Odontologia	Avaliar o consumo de medicamentos por automedicação por pais de estudantes e professores de três escolas em Alfenas (MG).	Estudo quantitativo transversal em que foram entrevistados os pais de estudantes e professores das escolas, totalizando 571 participantes, sobre o consumo de medicamentos no último mês, a contar da data de entrevista.	Mais de 60% se automedicavam no momento da entrevista (55,7% alegaram dificuldade de acesso ao profissional prescritor). A maior frequência desse evento se deu entre os indivíduos com primeiro grau completo. Diante do quadro se propôs o incentivo à automedicação responsável embasada em campanhas educativas e controle mais efetivo na propaganda e dispensação de medicamentos.
3.	MAJOR, C.; VINCZE, Z./ Acta Poloniae Pharmaceutica Drug Research	Avaliar as visões de farmacêuticos sobre a automedicação e sua prática de conscientização das pessoas que adquirem esses medicamentos em farmácias na Hungria.	Estudo quantitativo transversal realizado com profissionais de farmácias (total de 4536) na Hungria.	Mais de 70% dos profissionais entrevistados observaram que os pacientes só tem uma compreensão básica sobre MIPs, favorecendo à automedicação não responsável. Prestar assistência para a automedicação é talvez um dos mais importantes meios de promoção do uso correto de medicamentos.
4.	BECKHAUSER, G. C.; SOUZA, J. M.; VALGAS, C.; PIOVEZAN, A. P.; GALATO, D./ Revista Paulista de Pediatria	Conhecer a prática de automedicação em crianças moradoras de uma cidade da região Sul do Brasil.	Estudo transversal com amostra aleatória de responsáveis por crianças em 83 domicílios (totalizando 121 crianças de seis meses a 14 anos) em uma cidade na região Sul do Brasil.	Dos entrevistados, 75% afirmaram já ter praticado a automedicação, sendo as mães responsáveis por 95% desses casos. Quanto às situações que motivaram a automedicação, praticidade (88%) foi a mais relatada. Os resultados sugerem a necessidade de promover o URM, envolvendo, nesse contexto, a capacitação de farmacêuticos.

AAS: Ácido Acetil Salicílico; EUA: Estados Unidos da America; MIPs: Medicamentos Isentos de Prescrição; URM: Uso Racional de Medicamentos.

Quadro 1: Caracterização das publicações referentes à temática de práticas educativas voltadas à automedicação resultantes da estratégias metodológicas descritas.

(Continua)

Título	Autoria/ Periódico	Objetivos	Métodos	Resultados/ Conclusão
5.	SILVA, I. M.; CATRIB, A. M. F.; MATOS, V. C.; GONDIM, A. P.S./ Ciência & Saúde Coletiva	Analisar o conhecimento dos estudantes de escolas públicas e privadas do município de Fortaleza (CE) sobre o uso de medicamentos e suas implicações para a saúde.	Estudo transversal, de abordagem quantitativa. Um total de 722 adolescentes (13-18anos) respondeu um questionário contemplando aspectos relativos ao consumo, indicação e orientação de medicamentos e a influência da mídia.	A automedicação foi relatada por 20,8% dos estudantes. O conhecimento dos adolescentes sobre medicamentos e suas implicações na saúde é desprovido de qualquer noção básica sobre o uso racional dos mesmos, fazendo-se necessário o desenvolvimento de ações educativas em saúde na escola.
6.	GALATO, D.; ALANO, G. M.; TRAUTHMAN, S. C.; FRANÇA, T. F./ Pharmacy Practice (Internet)	Avaliar a prática da farmácia realizada por formandos do curso de farmácia de uma universidade do sul do Brasil através de um processo de simulação conhecido como Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE).	Estudo transversal realizado com base na análise documental dos registros de avaliação de desempenho de simulações práticas de farmácia. Estas simulações (total de 291) foram relacionadas com os processos de automedicação e dispensação de medicamentos realizadas com o uso de pacientes simulados.	Falta de informação sobre o regime de tratamento prescrito, comunicação inadequada, falta de identificação das necessidades dos pacientes e inadequada orientação quanto à automedicação foram algumas das dificuldades encontradas. Há uma necessidade de reorientação das atividades e ampliação do conhecimento a fim de orientar adequadamente os pacientes.
7.	ABEL, C.; JOHNSON, K.; WALLER, D.; ABDALLA, M.; GOLDSMITH, C. A. W./ Journal of the American Pharmacists Association	Avaliar a frequência de automedicação e o conhecimento sobre URM antes e depois de uma intervenção educativa promovida por farmacêuticos em uma escola nos EUA.	Estudo intervencional com 101 alunos da oitava série de uma escola nos Estados Unidos (a intervenção se referiu a uma apresentação com aspectos gerais sobre medicamentos promovida por um farmacêutico).	Quase 60% dos participantes relataram tomar MIPs por automedicação no mês anterior, 22% deles de forma autônoma. Depois da intervenção, melhorias significativas foram observadas, favorecendo a automedicação responsável.
8.	CAVACO, A. M.; PEREIRA, P. F./ Research in Social and Administrative Pharmacy	Analisar protocolos relacionados à autonomia do paciente e à prática de farmacêuticos para orientação quanto à automedicação em farmácias de Portugal.	Estudo descritivo de abordagem qualitativa em que 44 protocolos de automedicação foram coletados e analisados com base na sua estrutura, em comparação com um padrão.	Os protocolos ficaram aquém em etapas relacionadas à informação e seleção dos medicamentos. Etapas referentes ao monitoramento do farmacêutico estavam ausentes, havendo necessidade e readequação dos protocolos.

Quadro 2: Caracterização das publicações referentes à temática de práticas educativas voltadas à automedicação resultantes da estratégias metodológicas descritas.

(Conclusão)

Título	Autoria/ Periódico	Objetivos	Métodos	Resultados/ Conclusão
9.	DOYON, S.; KLEIN- SCHWARTZ, W.; ANDERSON, B. A.; WELSH, C./ The American Journal on Addictions	Implementar um programa baseado em telefonemas em uma cidade dos Estados Unidos para detecção e prevenção eventos relacionados ao uso irracional de medicamentos (período de 20 meses de estudo).	Estudo intervencional em que farmacêuticos e enfermeiros triavam as ligações para avaliar e confirmar a exposição a eventos relacionados ao seu uso irracional. Foram obtidas informações sócio-demográficas e sobre os medicamentos envolvidos nos eventos e dadas informações sobre prevenção/ segurança.	A média de idade das pessoas que realizaram as chamadas foi de 33 anos (18-93 anos). Do total de 17.616 chamadas, 6635 (37,7%) requiseram informações sobre prevenção/ segurança relacionadas aos medicamentos envolvidos eventos relacionados ao seu uso. Esse tipo de serviço pode complementar os esforços destinados à educação sobre o URM, especialmente no que se refere à automedicação.
10.	ARAÚJO, D. D.; LEAL, M. M.; SANTOS, E. J. V.; LEAL, L. B./ Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences	Avaliar o padrão de consumo de medicamentos na gestação de alto risco e os determinantes relacionados ao seu padrão de consumo em puérperas atendidas em um hospital público de Recife (PE).	Estudo transversal envolvendo 78 puérperas com gravidez de alto risco.	A automedicação durante a gravidez foi admitida por 22 (28,2%) pacientes; 11,5% das pacientes não sabiam do risco do uso dos medicamentos durante a gravidez. Ficou evidente a vulnerabilidade dessa população aos riscos decorrentes da automedicação, sendo este um campo de prática com necessidade de intervenções urgentes no âmbito da educação em saúde.
11.	CORRÊA, A. D.; CAMINHA, J. R.; SOUZA, C. A. M.; ALVES, L. A./ Ciência & Saúde Coletiva	Analisar o discurso de livros didáticos de biologia no Brasil no que diz respeito ao URM.	Estudo descritivo de abordagem qualitativa em que foram analisados 21 livros sendo verificada a frequência de aparição de classes de medicamentos e/ou nomes de medicamentos e de abordagens sobre o URM.	Foram evidenciadas 129 referências a classes de medicamentos/medicamentos. Apenas em 23 referências apresentaram uma abordagem conjunta sobre URM. Os livros analisados necessitam ser adequados no que se refere à abordagem do URM.

AAS: Ácido Acetil Salicílico; EUA: Estados Unidos da America; MIPs: Medicamentos Isentos de Prescrição; URM: Uso Racional de Medicamentos.

Estudos sem proposição intervencional concreta

Os estudos compreendidos nessa categoria referiram a importância de intervenções educativas no contexto da temática de automedicação, apesar de não terem proposto práticas educativas concretas. Silva et al. (2011)⁽⁵⁾, por exemplo, em estudo transversal realizado com adolescentes na faixa etária de 13 a 18 anos em Fortaleza (CE), referiram que o conhecimento dos adolescentes sobre medicamentos e suas implicações na saúde é desprovido de qualquer noção básica sobre o uso racional deles, fazendo-se necessário o desenvolvimento de ações educativas em saúde na escola.

Ainda no que se refere a populações específicas relacionadas a faixas etárias, Beckhauser et al. (2010)⁽⁶⁾ em estudo transversal com amostra aleatória de responsáveis por crianças em 83 domicílios em uma cidade na região Sul do Brasil revelaram que, dos entrevistados, 75% afirmaram a prática da automedicação pelas crianças, sendo as mães responsáveis por 95% desses casos. Os resultados sugerem a necessidade de promover educação em saúde que vise à promoção do URM. Segundo os entrevistados, a automedicação é

influenciada principalmente por antigas orientações do médico (60%) ou por informações recebidas em estabelecimentos farmacêuticos (27%). É importante destacar que, nesses estabelecimentos, os farmacêuticos, após a análise das informações do paciente, devem realizar a intervenção mais adequada, incluindo a orientação para procurar outro profissional de saúde, a recomendação de medidas não-farmacológicas ou mesmo farmacológica (favorecendo à automedicação responsável). Para tal é essencial que esse profissional seja capacitado para esse processo, sendo essa justamente uma das recomendações propostas pelos autores⁽⁶⁾.

Outra população específica que requer atenção quando se fala na prática da automedicação se refere às grávidas, já que o uso de medicamentos durante o período de gestação, ainda representa um desafio para a medicina, uma vez que a maioria dos medicamentos atravessa a barreira placentária⁽⁹⁻¹⁰⁾ e que 10% ou mais dos defeitos congênitos são o resultado de uma exposição prévia da mãe a medicamentos⁽¹¹⁾.

A automedicação nessa população específica geralmente é feita quando a mulher está buscando alívio para os sintomas causados por

alterações fisiológicas que ocorrem durante este período, a fim de combater a náusea, anemia, dores e deficiências nutricionais por exemplo⁽¹²⁾. Justamente nesse contexto Araújo et al., (2013)⁽⁹⁾ buscaram avaliar o padrão de consumo de medicamentos na gestação de alto risco e os determinantes relacionados ao seu padrão de consumo em puérperas atendidas em um hospital público de Recife (PE). Por meio de um estudo transversal que revelou que, das 78 participantes, 28,2% faziam automedicação e 11,5% não sabiam do risco do uso de medicamentos na gravidez ficando evidente a vulnerabilidade dessa população aos riscos decorrentes da automedicação, sendo este um campo de prática com necessidade de intervenções urgentes no âmbito da educação em saúde, muito embora nenhuma intervenção concreta tenha sido proposta.

Fora do contexto de populações específicas no que tange à faixa etária, Souza et al. (2010)⁽¹³⁾ buscaram avaliar o consumo de medicamentos por automedicação por pais de estudantes e professores de três escolas em Alfenas (MG) através de um estudo transversal no qual 65% referiram a prática de automedicação, sendo que a maioria dos que referiram essa prática com no máximo primeiro grau completo e que

quase 60% deles referiram que essa prática era realizada devido à dificuldade de acesso ao profissional prescritor. Para reversão do quadro foram propostas intervenções gerais baseadas no incentivo à automedicação responsável embasada em campanhas educativas e controle mais efetivo na propaganda e dispensação de medicamentos.

Vale ressaltar que, apesar da não referência a intervenções educativas concretas, todos os artigos dessa categoria dita não intervencional propuseram medidas educativas no âmbito geral, voltadas para pacientes e/ou profissionais. No entanto, cabe nesse contexto, além de outras possibilidades concretas de intervenção, a EAD, especialmente considerando a mesma como uma alternativa tanto para capacitação do farmacêutico educador em saúde quanto para a população sob risco direto da prática de automedicação não responsável.

Estudos com proposição intervencional concreta

Todos os estudos enquadrados nessa categoria propuseram intervenções educativas voltadas à automedicação de alguma forma. Corrêa et al. (2013)⁽²⁾, analisando livros

de biologia brasileiros através de um estudo de caráter essencialmente qualitativo propõe uma abordagem voltada à reversão da alta frequência do evento de automedicação através da promoção do URM nos próprios livros à medida que eles referem nomes de medicamentos ou classes de medicamentos ao longo de seu texto sem referir paralelamente a importância do URM. Além disso, segundo os autores, a maioria dos riscos de morbidade relacionados a medicamentos poderia ser minimizado caso a cultura sobre o uso adequado de medicamentos estivesse presente na escola desde a infância.

Apesar de não haver menção da possibilidade também no campo da EAD, pode-se considerar tal intervenção também como uma possibilidade de abordagem do tema nas referências usadas nesse contexto, considerando as devidas ressalvas em relação à faixa etária em que a prática de educação à distância é realizada.

Reconhecendo os riscos associados à prática de automedicação, o governo federal norte-americano lançou uma iniciativa interessante no que se refere à conscientização sobre os perigos relacionados a essa prática em 2011. Essa iniciativa era baseada em um centro de informações toxicológicas

vinculado à dispensação de informações por telefone e, considerando a elevada frequência requisição de informações relacionadas a medicamentos, especialmente relacionadas a informações incorretas dadas por médicos, farmacêuticos e balconistas, Doyon et al. (2013)⁽¹⁴⁾ propuseram a implementação de uma iniciativa paralela nesse contexto.

O objetivo do estudo era implementar um programa que consistia em telefonemas em uma cidade dos Estados Unidos para detecção e prevenção eventos relacionados ao uso irracional de medicamentos (período de 20 meses de estudo) e, após implementação, ficou evidente que esse tipo de serviço pode complementar os esforços destinados à educação sobre o URM, especialmente no que se refere à automedicação.

Cabe ressaltar que o estudo levantou algumas questões sobre viabilidade e implicações práticas futuras. Um estudo mais aprofundado nesta área de proposição de alternativas de práticas educativas no contexto do URM, incluindo a automedicação, poderia incluir o uso de tecnologias atuais de comunicação (mensagens instantâneas, mensagens de texto, redes sociais). Por último, um estudo mais aprofundado poderia incidir sobre o uso

de chamadas de vídeo e chat de voz através da internet. É justamente nesse âmbito que caberia uma discussão sobre a possibilidade da EAD entrar nesse contexto de práticas educativas alternativas, tanto para a população quanto para profissionais de saúde, visto que muitas das informações requeridas, como bem citado por Doyon et al. (2013)⁽¹⁴⁾, são resultantes de informações incorretas dadas pelos profissionais envolvidos direta ou indiretamente no processo de dispensação.

Outra referência de ampla abrangência em termos metodológicos, porém com proposição discreta de intervenções concretas foi a publicada por Major e Vincze (2010)⁽¹⁵⁾ que, por meio de um estudo transversal de caráter quantitativo, buscou avaliar os pontos de vista de farmacêuticos sobre a automedicação, sua percepção sobre propagandas de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) e sua prática de conscientização das pessoas que adquiriam esses medicamentos em 4536 farmácias na Hungria. Mais de 70% dos profissionais entrevistados observaram que os pacientes só tem uma compreensão básica sobre MIPs, favorecendo à automedicação não responsável. Prestar assistência para a automedicação é talvez um dos mais

importantes meios de promoção do uso correto de medicamentos, constituindo um dos desafios mais importantes para a profissão farmacêutica já que é necessário responder de forma adequada às necessidades de informação da população⁽¹⁵⁾.

Um grande número de pessoas considera a farmácia como um lugar passível de dispensação de informação quanto à automedicação antes da visita ao prescritor⁽¹⁵⁾. Segundo os entrevistados desse estudo na Hungria, em comparação com pacientes mais velhos, os pacientes mais jovens são mais propensos a receber informações (especialmente em anúncios e internet). Em contrapartida, a faixa etária acima de 65 anos teria, provavelmente, mais dificuldade de acesso à informação. Quanto ao gênero, em comparação aos homens, as mulheres são mais receptivas a informações de profissionais em estabelecimentos farmacêuticos⁽¹⁵⁾, o que traz a ideia de intervenções educativas mais voltadas a populações específicas. Segundo os autores, em geral, as pessoas não tem uma compreensão adequada sobre os MIPs e tendem a tomar decisões em resposta a anúncios e propagandas, levando a uma automedicação não responsável e tornando as informações dispensadas pelos profissionais

envolvidos no processo da dispensação ainda mais importantes.

Esses profissionais, no entanto, devem estar preparados para esse processo de educação em saúde relacionado à prática de automedicação. Nesse contexto, conforme os próprios autores, desenvolvimentos tecnológicos vinculados à internet também são necessários, trazendo, dessa forma, um importante meio para configuração da EAD, tanto para profissionais quanto para a população em geral susceptível à prática de automedicação não orientada.

Estudos de avaliação de intervenções

Vinholes, Alano e Galat (2009)⁽⁷⁾ em estudo de base intervencional com objetivo de apresentar e analisar a experiência do serviço de atenção farmacêutica em comunidades em Santa Catarina com vistas a promover o URM verificaram que é essencial que a população esteja orientada sobre como proceder em relação ao uso de medicamentos. Foram realizadas 22 palestras alcançando 565 participantes (provenientes da comunidade e também profissionais responsáveis pelos grupos de educação) e realizou-se a descrição da experiência e o levantamento das percepções dos responsáveis pelos grupos envolvidos

nas palestras. Nesse contexto, os profissionais de saúde entrevistados relataram que a atividade desenvolvida pelos farmacêuticos colaborou significativamente para que os sujeitos compreendessem, de forma clara, a importância do processo de URM, incluindo a prática da automedicação.

Segundo os autores, a mudança da prática profissional farmacêutica, com ações voltadas aos pacientes, fundamentadas na filosofia da Atenção Farmacêutica, pode ser o reinício da construção da profissão farmacêutica vinculada à saúde e tendo como maior beneficiário o paciente ⁽⁷⁾. Ainda nesse contexto, as ações de educação em saúde tem maior impacto sobre a saúde da população quando os educadores, além do conhecimento científico, possuem habilidades para usar as experiências da população no ato de ensinar, respeitando o indivíduo e tornando-o ativo nesse processo. Para tal, é fundamental um processo de capacitação nesse contexto.

Ainda no contexto de avaliação de intervenções, especialmente palestras, Abel et al. (2012)⁽¹⁶⁾ buscaram avaliar, além da frequência de automedicação de alunos de uma escola nos Estados Unidos, o conhecimento desses alunos antes e depois de uma intervenção educativa promovida por

farmacêuticos. A frequência de automedicação foi elevada e, depois da intervenção, melhorias significativas foram observadas, favorecendo a automedicação responsável⁽¹⁶⁾. Os autores referiram ainda que muitos profissionais de saúde poderiam fornecer educação sobre URM a adolescentes, especialmente farmacêuticos, os quais devem ser capacitados para tal.

Cavaco e Pereira (2012)⁽¹⁷⁾ se propuseram a analisar protocolos relacionados à autonomia do paciente e à capacitação de farmacêuticos para orientação quanto à automedicação em farmácias de Portugal. Os autores evidenciaram que, de maneira geral, todos os protocolos estavam de acordo com o padrão quanto à caracterização da doença, mas ficaram aquém em etapas relacionadas à informação e seleção dos medicamentos. Etapas referentes ao monitoramento do farmacêutico estavam ausentes, havendo necessidade e readequação dos protocolos e, conseqüentemente, capacitação desse profissional no que se refere a esse processo, tanto para implementação desses protocolos quanto para usar seus próprios guias e materiais informativos para suas orientações⁽¹⁷⁾.

Galato et al. (2011)⁽¹⁸⁾ buscaram avaliar a prática da farmácia realizada

por formandos do curso de farmácia de uma universidade do sul do Brasil através de um processo de simulação de atividades (intervenção de Simulação em Saúde). Falta de informação sobre o regime de tratamento prescrito, comunicação inadequada, falta de identificação das necessidades dos pacientes e inadequada orientação quanto à automedicação foram algumas das dificuldades encontradas. De acordo com os resultados, os autores referiram que há uma necessidade de reorientação das atividades e ampliação do conhecimento a fim de orientar adequadamente os pacientes, sendo a Simulação em Saúde uma alternativa importante nesse contexto de reorientação de currículo para atender a necessidade de habilidades e competências necessárias⁽¹⁸⁾.

Sem perder de vista os determinantes econômicos da automedicação, a análise desse tipo de intervenção educativa ajuda a construir um novo projeto educacional, que tem vantagens sobre outras abordagens porque incide sobre as questões clínicas, bem como tratamentos de doenças e desenvolvimento de habilidades de comunicação durante o treinamento⁽¹⁸⁾. Nesse contexto, uma alternativa interessante não contemplada diretamente pelos autores,

mas que se torna viável quando pensada como uma possibilidade no processo de ensino e aprendizagem da prática clínica e passível de aplicação no currículo de vários cursos na área da saúde é a EAD.

A possibilidade da EAD, apesar de não referida diretamente em nenhum estudo dessa categoria da revisão em tela, é viável tanto no que se refere à capacitação dos profissionais envolvidos no processo de orientação a uma automedicação responsável quanto no que se refere à população em geral (considerando grupos específicos ou não) sob risco de eventos relacionados ao uso inadequado de medicamentos.

CONCLUSÃO

Ficou clara a necessidade e a importância do processo de educação em saúde no que se refere à prática de automedicação, com destaque ao papel do farmacêutico. A análise dos estudos na presente revisão integrativa permitiu uma visão geral acerca das mesmas em termos de possibilidades de intervenções educativas nesse contexto, tanto no que se refere aos profissionais envolvidos quanto no que se refere à população em geral.

Independentemente do tipo e metodologia dos estudos, todos eles

referiram minimamente a importância desse processo educativo no contexto da prática de automedicação, considerando o fato de que tal prática, quando realizada de forma não responsável, favorece um quadro de uso irracional de medicamentos com considerável risco associado de toxicidade, eventos adversos e interações medicamentosas, por exemplo. No entanto, propostas concretas de intervenções educativas não foram frequentes, muito embora sua necessidade tenha sido citada em todas as publicações.

Ainda no contexto das poucas proposições de intervenções efetivas e concretas no campo da educação em saúde referente à prática de automedicação, apesar de algumas menções a possibilidades virtuais nesse contexto, não houve referência clara à EAD como alternativa dentro do processo educativo em questão, muito embora esse campo possibilite aspectos favoráveis à formação dos profissionais quanto a suas atitudes.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Política nacional de medicamentos. Brasília. 2001.
2. Corrêa AD, Caminha JR, Souza CAM, Alves LA. Uma

- abordagem sobre o uso de medicamentos nos livros didáticos de biologia como estratégia de promoção de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2013; 18 (10): 3071-3081.
3. Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, Merchán-Hamann E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2010; 15: 1751-1762.
 4. Organização Mundial da Saúde. The Role of the Pharmacist in Self-care Medication. 1998: 26-28.
 5. Silva IM, Catrib AMF, Matos VC, Gondim APS. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2011; 16: 1651-1660.
 6. Beckhauser GC, Souza J M, Valgas C, Piovezan AP, Galato D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Revista Paulista de Pediatria*. 2010; 28 (3): 262-268.
 7. Vinholes ER, Alano GM, Galat M. A percepção da comunidade sobre a atuação do serviço de Atenção Farmacêutica em ações de educação em saúde relacionadas à promoção do Uso Racional de Medicamentos. *Saúde e Sociedade*. 2009; 18 (2): 293-303.
 8. Laguardia J, Casanova A, Machado R. A experiência de aprendizagem on-line em um curso de qualificação profissional em saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 2010; 8 (1): 97-122.
 9. Araújo, D. D.; Leal, M. M.; Santos, E. J. V.; Leal, L. B. Consumption of medicines in high-risk pregnancy: evaluation of determinants related to the use of prescription drugs and self-medication. *Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences*, v. 49, n. 3, p. 491-499, 2013.
 10. Della-Giustina, K.; Chow, G. Medications in pregnancy and lactation. *Emergency Medicine Clinics of North America*, v.21, n.3, p.585-613, 2003.
 11. Nakamura, M.U.; Kulay Junior, L.; Pasquale, M. Uso de fármacos na gravidez: benefício e custo. *Revista Brasileira de*

- Ginecologia e Obstetrícia, v.30, n.1, p.1-4, 2008.
- 12.** Mengue SS, Schenkel EP, Schmidt MI, Duncan BB. Fatores associados ao uso de medicamentos durante a gestação em seis cidades brasileiras. *Cadernos de Saúde Pública*. 2004; 20 (6):1602-1608.
- 13.** Souza LHT, Gomes LTS, Pereira GM, Costa NRA, Pessôa GS, Zanetti HHV. Automedicação *versus* automedicação responsável: uma análise em três escolas de Alfenas-MG. *Revista Brasileira de Odontologia*. 2010; 67 (1): 8-12.
- 14.** Doyon S, Klein-Schwartz W, Anderson BA, Welsh C. A novel approach to informing the public about the risks of overdose and nonmedical use of prescription medications. *The American Journal on Addictions*, 2013; 22: 108-112.
- 15.** Major C, Vincze Z. Self-medication in Hungary, from the perspective of pharmacy workers. *Acta Poloniae Pharmaceutica Drug Research*. 2010; 67 (5): 547-554.
- 16.** Abel C, Johnson K, Waller D, Abdalla M, Goldsmith CAW. Nonprescription medication use and literacy among New Hampshire eighth graders. *Journal of the American Pharmacists Association*. 2012; 52: 777-782.
- 17.** Cavaco AM, Pereira PF. Pharmacists' counseling protocols for minor ailments: a structure-based analysis. *Research in Social and Administrative Pharmacy*. 2012; 8: 87-100.
- 18.** Galato D, Alano GM, Trauthman SC, França TF. Pharmacy practice simulations: performance of senior pharmacy students at a University in southern Brazil. *Pharmacy Practice (Internet)*. 2011; 9 (3): 136-140.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2014-10-02
Last received: 2014-10-02
Accepted: 2014-10-03
Publishing: 2014-10-31

Corresponding Address

Rodrigo Fonseca Lima.
Universidade de Brasília. Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte. CEP: 70910-900, Brasília/DF, Brasil.
E-mail: drigofl@gmail.com.
Telephone: +55 61 82523517